



José Nava, médico cearense radicado no Rio, pai do nosso grande memorialista e também médico Pedro Nava, tinha laços de parentesco e de amizade com Antônio Sales.

Quando o nosso poeta soube que o Conselheiro Nuno Ferreira de Andrade, ao examinar a tese de doutoramento de seu cunhado José Nava, Responsabilidade Jurídica dos Afásicos, apresentada à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no dia 5 de outubro de 1901, fê-lo com ironia e em tom depreciativo, dando-lhe apenas aprovação plena, aguardou o momento azado para a desforra. Não custava esperar.

Estávamos no meio do mandato presidencial do impopular Campos Sales e acabara de aparecer, no Rio, fazia quatro meses, um novo diário, o Correio da Manhã. Convidado a nele colaborar por Edmundo Bittencourt com crônicas e artigos literários, ficou célebre a sua seção Pingos e Respingos, engolida sofregamente pelo povo carioca.

Nuno de Andrade já estava se eternizando na direção da Saúde Pública,¹ isso desde 1892, onze longos anos portanto, ainda quando essa área especializada se chamava Instituto Sanitário Federal. Carioca, médico de largos recursos científicos, recusara o título nobiliárquico de Barão da Ilha Grande. Presidente do mais alto cenáculo da cultura médica brasileira, a Academia Nacional de Medicina, redator de O País e do Jornal do Brasil, autor de inúmeros trabalhos médicos, cronista que se escondia em Felício Terra,² fino ironista, ficou célebre sua resposta ao também zombeteiro Emílio de Menezes. Acharo o poeta curitibano gastas sem muito critério as verbas destinadas às coisas de saúde pública, concluía que a sigla DGSP não correspondia, a seu ver, à Diretoria Geral de Saúde Pública e sim a Dinheiro Gasto Sem Proveito. Ao que o Conselheiro respondera na mesma moeda: Deixa Gastar Seu Poeta!

Antônio Sales aproveitou-se de Pingos e Respingos e diariamente fazendo uso e abuso do mote Tudo passa. . . e o Nuno fica, ia espicaçando, alfineando, demolindo o velho mestre que, se a princípio achara graça e espírito no humorismo do nosso poeta cearense, com o correr do tempo começara a se impacientar e a se preocupar e depois a se irritar com tais quadrinhas picarescas. Vejamos algumas delas:

*"O próprio bronze, com as heras,
se oxida, se danifica. . .
Vão-se verões, primaveras. . .
Tudo passa. . . e o Nuno fica.*

*As nuvens passam nos ares,
a água passa na bica,
navios passam nos mares. . .
Tudo passa. . . e o Nuno fica.*

*Pulseira de barro é peia,
milho cozido é canjica,
mulher de cauda é sereia. . .
Tudo passa. . . e o Nuno fica.*

*Já não há peste bubônica,
com prazer se verifica;
ficou, porém, a numônica. . .
Tudo passa. . . e o Nuno fica.*

*O gozo que nos afaga,
a dor que nos mortifica,
tudo com o tempo se apaga. . .
Tudo passa. . . e o Nuno fica.*

*O trigo passa a ser massa,
passa o milho a ser canjica,
a uva passa a ser passa. . .
Tudo passa. . . e o Nuno fica.*

*De certas damas, às vezes,
a barriga cresce, estica. . .
Mas ao fim de nove meses
Tudo passa. . . e o Nuno fica.*

*Morre a flor que mais se estima,
morre o espinheiro que pica
(Seu Nuno, gostou da rima?)
Tudo passa. . . e o Nuno fica."*

Havia uma campanha surda, permanente, desmoralizadora, no sentido de destronar Nuno de Andrade da chefia da Saúde Pública. Chegava o 15 de novembro de 1902 e Rodrigues Alves substituíra Campos Sales no Palácio do Catete.

*Tomba o penhasco imponente,
fenece a anosa oiticica,
vai-se embora um presidente,³
Tudo passa. . . e o Nuno fica.*

E logo dois meses depois colocava em execução a lei que proibia as acumulações remuneradas. Nuno somava às funções de professor da Faculdade de Medicina as de diretor-geral de Saúde Pública. Não teve outro jeito. Exonerado desta última comissão, o Ministro da Justiça e Negócios Interiores J.J. Seabra, a quem estavam subordinados os problemas sanitários do país, convidaria para ocupar o cargo vago seu médico-assistente Sales Guerra que, declinando de tão honroso convite, lembraria ao ministro o nome até então praticamente desconhecido de Osvaldo Cruz.

E a 23 de março de 1903 o cientista paulista, o Cafajeste de Esmeralda, tomaria posse na Diretoria Geral de Saúde Pública.

Estava lavada a honra. Vingara-se Antônio Sales. A campanha chegava ao fim.

Nuno de Andrade, magoado com o prestígio e o respeito com que andava aureolado Osvaldo Cruz e se lembrando da sua velha repartição de saúde, localizada nos fundos de um pardieiro, comentava com aquele seu imenso senso de humor: *"Ao Dr. Osvaldo Cruz deram-lhe mundos e fundos; a mim, só fundos imundos. . ."*

NÓTULAS

- ¹ A Saúde Pública recebeu várias denominações. A partir de 14 de setembro de 1850, Junta Central de Higiene. De 1892 a 1897, Instituto Sanitário Federal. De 1^o de fevereiro de 1897 a 1920, pelo Decreto n^o 2.458, Diretoria Geral de Saúde Pública e, daí em diante, Departamento Nacional de Saúde Pública.
- ² Algumas colaborações de Felício Terra no jornal cearense A República: a) Um Ministro Russo (22 novembro 1905); b) Conselho de Família (5 dezembro 1905); c) Um Divino (20 dezembro 1905).
- ³ Referia-se ao Presidente Manuel Ferraz de Campos Sales.